

FMI, voltando a ser o coordenador da negociação das dívidas.

A estratégia para solucionar a dívida externa terá de novo como protagonista o Fundo Monetário Internacional (FMI) como consequência da reunião de cúpula realizada este mês em Veneza pelos sete países mais desenvolvidos do mundo capitalista.

A atuação do FMI pareceu que ficaria em segundo plano — sendo substituída pelo Banco Mundial (Bird) — quando o secretário do Tesouro norte-americano apresentou há 20 meses seu plano que pretendia resolver a crise do endividamento do Terceiro Mundo, como reação às fórmulas recessivas impostas pelo Fundo aos países devedores. Mas seu diretor-gerente, Michel Camdessus volta a ser peça chave com uma orientação a favor do desenvolvimento do Terceiro Mundo.

Baker chegou à conclusão de que esses países, em recessão por seguirem a receita do FMI, deviam ser ajudados com fórmulas que não apenas reestruturassem suas economias mas também lhes permitissem crescer para superar seus problemas em definitivo. Com base nessa filosofia, atribuiu-se ao Ban-

co Mundial um papel de maior destaque. E este de fato aumentou o volume de seus empréstimos destinados à execução dos chamados "ajustes estruturais" (reformas econômicas).

Mas o Plano Baker começou a esgotar-se quando os demais bancos relutaram em conceder novos empréstimos à América Latina e África. Alguns analistas até calculam que o último prego do caixão do plano foi cravado pelo Brasil em fevereiro, com sua decisão de interromper o pagamento dos juros incidentes sobre US\$ 65 bilhões devidos a bancos comerciais.

Outro fator negativo foi a atitude tomada por grandes bancos comerciais como o Citicorp, que reforçaram suas reservas precavendo-se contra possíveis estados de insolvência de países devedores, especialmente latino-americanos.

Um alto funcionário do FMI declarou à imprensa na semana passada que o Fundo assumirá a responsabilidade adicional de colaborar com os países prósperos a fim de solucionar as divergências econômicas que há entre eles e também elaborará planos sincroni-

zados para fomentar a economia mundial.

Segundo adiantou, o FMI acompanhará de perto os principais indicadores econômicos: o crescimento da economia, os desequilíbrios orçamentários e comerciais etc., encarregando-se de advertir quando julgar que a situação se deteriora. O Fundo também pretende manter o plano segundo o qual os países mais ricos, os bancos comerciais e organismos multilaterais de fomento desembolsariam novos recursos para assistência, a longo prazo, aos países mais pobres.

A dívida externa é até agora o maior obstáculo ao entrosamento da Comunidade Econômica Europeia (CEE) com a América Latina — assunto que devia ser encerrado hoje em Luxemburgo na reunião dos ministros das Relações Exteriores do "Grupo dos 12". Fontes do governo espanhol opinam que o documento final terá uma terminologia "diluída" em matéria de América Latina, mas que será um primeiro passo para formalizar as relações da CEE numa declaração futura que ainda esbarra nas obje-



ções da Inglaterra e de outros países.

A Espanha é a principal defensora desse documento, cujos termos finais a favor da AL serão defendidos hoje em Bruxelas pelo ministro espanhol do Exterior, Francisco Fernandez Ordoñez, recém-chegado do Brasil.